

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE
PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA**Da fenomenologia clássica à crítica: contribuições para o estudo do gênero na contemporaneidade**

Islay Ianne Ponte Parente
Maria Clara de Matos Dourado Simões
Waleska Karla Ramos de Macêdo
Lucas Guimarães Bloc

O conceito de gênero surge como uma resposta crítica às concepções essencialistas que reduzem a existência humana a determinações biológicas associadas ao sexo. Segundo essa visão, ao nascer, as experiências e os papéis sociais do indivíduo seriam naturalmente determinados pela genitália. Apesar da crescente interlocução entre fenomenologia e estudos de gênero, ainda são escassas discussões teóricas na literatura científica sobre essa temática. Tal ausência dificulta a consolidação de um campo teórico-metodológico que valorize as experiências vividas marcadas pelo gênero a partir de uma perspectiva crítica e fenomenológica. Este trabalho, de cunho teórico, tem como objetivo propor uma reflexão sobre gênero à luz de uma fenomenologia crítica, articulando, sobretudo, as contribuições de Judith Butler, Iris Marion Young e Sara Ahmed e Merleau-Ponty. Parte-se da compreensão de que o gênero não constitui um dado natural, mas uma construção social e normativa que orienta e regula a forma como os sujeitos vivem e se relacionam no mundo. A fenomenologia, ao privilegiar a descrição das vivências na sua dimensão corporal, intersubjetiva e contextualmente situada, oferece ferramentas conceituais valiosas para compreender como identidades são construídas e experienciadas. Na fenomenologia clássica, Merleau-Ponty nos revela um corpo que nos abre possibilidades, mas que também pode implicar um fechamento, uma inibição na comunicação plena com o mundo, cujas vivências são atravessadas por normas sociais, históricas e políticas que atravessam a forma como os sujeitos significam suas experiências de gênero. No que tange às contribuições de autoras feministas, Judith Butler amplia o debate ao afirmar que não existe uma identidade anterior aos atos, são os próprios atos performativos que se produzem e sustentam aquilo que reconhecemos como identidade de gênero. A autora argumenta ainda que a identidade não é uma essência fixa ou interior, mas produzida por normas sociais e culturais. Nesse sentido, a identidade de gênero não deve ser entendida como uma característica descritiva do sujeito, e sim como

um ideal normativo, em que aquilo que foge a essa norma tende a ser marginalizado ou considerado uma anomalia. Young, por sua vez, discute como a sociedade patriarcal restringe as expressões corporais, conforme os papéis sociais pré-estabelecidos desde o nascimento. No que tange ao corpo feminino, este é frequentemente vivido como um objeto frágil, que precisa ser controlado, contido e protegido, em que na sociedade patriarcal, não se lança ao mundo com a mesma liberdade e abertura, dos corpos ditos masculinos. Nessa perspectiva, Ahmed torna-se fundamental para pensar gênero sob uma lente fenomenológica crítica, ao destacar que a experiência é sempre situada, atravessada pela cultura, expectativas sociais e estruturas de poder. Desse modo, sua abordagem atualiza a fenomenologia clássica ao incluir críticas à normatividade. Por fim, conclui-se que a fenomenologia crítica, ao dialogar com os estudos feministas e interseccionais, constitui um campo fértil para refletir sobre o gênero como uma experiência vivida, situada historicamente e atravessada por normas sociais.

Palavras-chave: Fenomenologia; Gênero; Corpo vivido.